

*Teatro*  
**de Correia Garção**

ÍNDICE:

- Teatro Novo (drama)
- Assembleia ou Partida (drama)

# TEATRO NOVO

## DRAMA

### ACTORES:

Aprígio Fafes

Aldonsa

Branca } Suas filhas

Aprígio Fafes

Artur Bigodes, mineiro e compadre de Aprígio

Jofre Gavino, músico e mestre de Aldonsa

Inigo, actor

Brás, licenciado

Monsieur Arnaldo, arquitecto

Doutor Gil Leinel, poeta

### CENA I

*Aprígio, Aldonsa e Branca*

*Apr.* Mil vezes, filhas, já vos tenho dito  
Que noite e dia penso e que repenso  
Em estado vos dar: o Céu bem sabe,  
E bem o sabeis vós, quanto o desejo;  
Mas o tempo correu-me tão avesso,  
Tão contrário às magníficas ideias,  
Que não acho um piúga a que se possa  
Empurrar uma filha sem mais dote  
Que seus olhos azuis, louros cabelos.

*Ald.* Solteiras e contigo viveremos  
Honradas e contentes.

*Apr.* Caras filhas,  
Este emprego de zângano que tenho,  
Com a alcunha de corretor dourado,  
De todo deu em droga, está perdido:  
A cada canto um mirra topa a gente,  
Tão casado co'a burra e tão cioso  
Dos lacrados cartuxos que primeiro  
Calado deixará vazar-lhe um olho,  
Que pregar-lhe um calote: não se atreve

A bulir nos dobrões: dos próprios dedos  
Desconfia e se dói: os chicos guarda  
Quais medalhas dos Césares antigos.

*Bra.* Inda, meu pai, te não pedimos dote;  
Deixa correr o tempo, casaremos.

*Apr.* Algum dia (que tempo venturoso!)  
De lá de cima vinham a cardumes  
Escudeiros serris, rolhos morgados  
Com solares no côncavo da lua.  
Pousavam na Betesga ou no Cachimbo,  
E mandavam chamar-me logo, logo,  
Por um lacaio ou pajem de polainas;  
O bisonho jangaz me descobria  
O fraco de seu amo; eu lhe levava  
Relógios, espadins, outras missangas:  
Tudo o boçal jalofo cobiçava;  
Tudo se lhe vendia à queima roupa,  
Gato por lebre. Eu mesmo vi um destes  
Por três dobras pagar uma pintura  
Do Zêuxis do Castelo, e mui sisudo  
Jurar que era o painel de Ticiano.  
Mas tudo o tempo gasta, tudo leva...

*Ald.* Hoje os mesmos caloiros são ladinos.

*Bra.* Capazes de lograr-nos.

*Apr.* Porém, filhas,  
Quando mais desatados, rijos ventos  
Pela breada enxárcia silvam, quando  
O mar no fundo muge, então nos topes  
Aparece Santelmo aos navegantes.  
Descoberto já tenho outro caminho  
De em breve enriquecer e de casar-vos:  
Ajustei uma nova companhia  
De cómicos e músicos chapados,  
Por via de teu mestre, minha Aldonsa,  
Do bom Jofre Gavino. Também nela  
Inigo quer entrar: esta notícia  
Bem creio, Branca, não te desagrada.  
Para a despesa do teatro novo  
O dinheiro me empresta meu compadre,  
O grande Artur Bigodes, que na frota  
Veio há pouco do Rio, e vem potente:  
Traz infindo dinheiro, papa gaios,  
Araras e bugios: traz mil cousas.

*Ald.* Bom proveito lhe faça. E que tiramos

De rico ou pobre vir um avarento?

*Apr.* O bico tem revolto; mas podemos  
O velo tosquiá-lhe com bom jeito:  
Finge tu, minha Aldonsa, que lhe queres;  
Chora, suspira, ri-te, a mão lhe beija,  
Expõe-lhe o desamparo em que ficaste  
E tua irmã, por morte de Mafalda,  
Boa mãe de vocês, dele comadre.

*Ald.* Triste empresa, meu pai! E na verdade  
Que fingir-me não sei; mas, quando saiba,  
Um velho tão sagaz e tão matreiro  
Não cai em esparrelas.

*Apr.* Velhos, moços,  
Em todos igualmente se descobrem  
As tiranas paixões, a pouca força  
Da pobre natureza.

*Ald.* De que modo  
Posso vencer o natural antojo  
Que me domina em vendo arregalados  
Dum velho destes os sumidos olhos?

*Bra.* Antes, querida mana, nada custa  
Enganá-los, rendê-los; que esta gente  
Com pouco se contenta. Um leve riso,  
Qualquer agrado os enche de vaidade.

*Apr.* Tu, Branca, és minha filha; tu saíste  
A tua mãe, cigana refinada  
Que as almas atraía. Era esta casa,  
Enquanto viva foi, era uma corte;  
Grandes, pequenos, todos aqui vinham  
Beijar a pedra d'ara; as carruagens  
Não cabiam na rua: mal entravam  
Uns, outros já saíam. Que matrona!  
Sempre te carpirei, alma ditosa,  
Honra e glória dos Fafes! Porém, filhas,  
Quem morreu, já morreu. Nós que ficamos  
Façamos por viver; e não se vive  
Sem a fome matar.

*Ald.* Sim; mas a mana  
Sabe contrafazer-se, que eu não posso.

*Apr.* Aldonsa, Aldonsa, que resposta é essa?  
Assim pagas o amor com que te trato?

*Bra.* Meu pai, a mana zomba; descansado

Podes cuidar no mais, que o velho é nosso.

*Apr.* Aldonsa, filha minha, ao velho, ao velho,  
Se alívio queres dar a um pai cansado,  
Que tanto bem te quer e que deseja  
Ver-te casada c'um senhor de terras,  
Rodando pelas ruas de Lisboa  
Em dourado carrinho, inda que berre  
O triste correeiro que, bom homem,  
Acreditou a lábia do morgado.  
Mas vão vocês compor-se e vão vestir-se,  
Para mais engodá4o. Ei-lo que chega.  
Vão-se, que logo as chamo.

## CENA II

### *Artur e Aprígio*

*Apr.* Meu compadre,  
Cuidei que já não vinhas.

*Art.* Essa é boa!  
Eu sou Pilatos? O que digo, digo,  
Pão, pão, queijo por queijo. Artur Bigodes  
Tem palavra de Inglês.

*Apr.* Assaz conheço  
O muito que te devo. E que me dizes  
Do projecto de que tratámos ontem?

*Art.* Amigo, amigo Fafes, o negócio  
Seus laivos tem de jogo: quase sempre  
Vale mais a fortuna que a ciência:  
O coração presago é o piloto  
Com que se arroja ao mar quem Deus ajuda.  
Há delgado chatim que mal entende  
Que dons e três são cinco, e sempre ganha,  
Ou no contrato lance, ou na comenda:  
E quantos vemos nós com guarda-livros,  
Com seiscentos caixeiros ziguez-ziguez  
Dar c'os bodes na areia, e nas esquinas  
O bom nome servir-lhes de epitáfio!  
Mas deixando preâmbulos, aprovo  
A ideia do teatro; é bom projecto.  
O ponto só consiste em desbancarmos  
O da rua do Conde e Bairro Alto.

*Apr.* Senhor Artur Bigodes, meu compadre,  
Quem tem tão bom amigo não duvida

De abalançar-se à mais custosa empresa.  
Este meu tal e qual pouco bestunto,  
O trago preenhe sempre e recheado  
De soberbas ideias; mas não tinha  
Calor bastante na mirrada bolsa,  
Para o braço chegar a executá-las.  
O Céu bem sabe quantas vezes, quantas,  
Vociferando, disse: – Em hora infausta,  
Por longos mares, dentre nós fugindo,  
Se ausentou meu compadre Artur Bigodes,  
Coração de Alexandre, farto amigo,  
Pé-de-boi português. Mal empregado  
Nos desertos sertões dessas Arábias,  
Entre gente boçal, entre bugios!

*Art.* Manso, fiel amigo! Essas lisonjas  
Carapuça não são desta cabeça.  
Sou amigo e compadre; isto me basta.  
Faço o que devo. Vamos adiante.

*Apr.* Tanto que a frota veio, uma alma nova  
Senti pular no peito. A fantasia  
Entrou a erguer palácios e castelos;  
Vi dragos, serpes vi: quando sonhava,  
Vologeso e Catão me apareciam  
Com punhais e cadeias. Acordava  
Aturdido de caixas e trombetas:  
Estes e outros projectos me inspiraram  
A ideia de um teatro. Eu sempre tive  
Bom dedo para a cousa: fiz marmotas;  
Várias Famas vesti e Cruz-diabos  
Para os círios do Cabo e d'Atalaia.

*Art.* O dinheiro está pronto; agora falta  
Quem nos arme a charola.

*Apr.* Caro amigo,  
A teu arbítrio entrego e deixo tudo.

*Art.* A mim, Aprígio? Fora! Não sou desses  
Que, emprestando dinheiro com usura,  
Dão mil regas, depois, de economia  
Ao pobre padecente, que, corrido  
Como cão com funil atado ao rabo,  
Vai ladrando e fugindo à surriada.

*Apr.* Sempre graça tiveste!... Apalavrados  
Alguns sujeitos tenho inteligentes,  
Arquitecto, poeta, bons actores,  
Um músico chapado; e para damas

As minhas duas filhas, Branca e Aldonsa,  
Ambas filhas de peixe, ambas formosas.

*Art.* Pois isso é ouro sobre azul; que o povo  
Ou dorme ou ri, se vê uma tapuia,  
Arrancando suspiros empresta dos,  
Torcer os vesgos olhos e mostrar-nos,  
Abrindo a negra boca, que é cerrada.  
Eu empresto o dinheiro; mas declaro  
Que isto se entende em quanto as damas forem  
Engraçadas, formosas e bem feitas;  
Que para vir gastá-lo com serpentes  
Não o ganhei, passando tantos dias  
Por duros morros, por incultas fragas,  
Talvez comendo carne de macacos.

*Apr.* Basta, compadre, basta! As minhas filhas  
Muito bem sabes como são galantes.  
Aldonsa há-de fazer primeira dama,  
Branca a segunda: tu verás pendentes  
De seus travessos olhos todo o povo:  
Tantos os corações, tantas as Tróias,  
Em amoroso incêndio chamejando.  
Tu mesmo, meu compadre, sem remédio,  
Apesar dessas cãs, embaraçado  
Hás-de sentir-te na vulcânea rede.

*Art.* Eu não sou tão sisudo, nem tão velho,  
Que viva por demais; enfim, sou homem.  
Nem tive nunca coração de pedra,  
E pouco bastará para mover-me,  
Muito mais as paixões que docemente  
Os ânimos revolvem.

*Apr.* Ora vou-me  
Chamar a nossa gente, para vermos  
Em que alturas estamos: entretanto  
Te chamo as raparigas. Branca! Branca!  
Aldonsa! Venham cá. Adeus, compadre.

*(Vai-se)*

### CENA III

*Aldonsa, Branca e Artur*

*Art.* Como formosa vens, Aldonsa bela!  
Em teus olhos fuzila a luz dos astros:  
Ao menos deste mundo cá de dentro,

És tu o claro sol, tu és a aurora.  
Oh quanto, filha minha (sim, que filha  
Bem te posso chamar), oh quanto sinto  
Que os anos me roubassem todo o lustre  
Da fresca mocidade! Que os invernos,  
Nesta gelada estriga convertessem  
A brilhante madeixa que algum dia  
Dourados caracóis por estes ombros  
Ao zéfiro entregava! Oh! Se eu pudesse  
Banhar-me no Jordão, e, remoçando,  
Dar-te um gentil mancebo por marido!

*Ald.* Sempre brincando vem o meu padrinho...

*Bra.* Senhor Artur Bigodes, como passa?

*Art.* Mui bem, senhora Branca. Ouves, Aldonsa?  
Eu não brinco, antes falo bem de veras.

*Bra.* Pois a mana, senhor, essa não zomba:  
Noite e dia conversa em seu padrinho;  
Não fala noutra cousa. Quantas vezes  
Se à porta batem, vai correndo à porta,  
E, porque dá com outro, do semblante  
A cor lhe amarelece, e, recuando  
Sobressaltada, diz que não é ele!

*Art.* Quão feliz, minha Branca, e quão ditoso,  
Se isso verdade fora, me julgara!  
Inda porém Aldonsa mo não disse  
Para tão fácil ser que me arreganhe.  
Que dizes, bela Aldonsa: aquilo é certo?

*Ald.* A mana não te engana, nem te mente:  
Mas se te adoro, deverei dizê-lo?

*Art.* Deveras, deveras, que essa inocente,  
Suave inclinação em nada ofende  
A modéstia, o decoro: inda que custa  
À moça mais amante o confessá-lo,  
Posto que honesto fim lho aprove e doure.

*Ald.* Pois vive descansado, que te quero.

*Bra.* Eu dou-lhe os parabéns, senhor Bigodes.

*Art.* Eu os aceito, Branca. Minha Aldonsa,  
Que nunca me enganei com os teus olhos  
Agora o chego a ver; neles, ao longe,  
Muito há que descobri um brando gesto



Que n'alma me bulia; mas, atado  
Ao pesado trambolho de meus anos,  
Lutando aflito com setenta invernos,  
Por mais que ardiam férvidos desejos  
Capazes de animar a fria pedra,  
Tiritando com medo, enregelava.  
Porque um homem qu' é sério e qu' é prudente,  
Antes se humilha a parecer covarde  
Que levar na bochecha uma apupada  
Destas rascoas de hoje, presumidas,  
Que buscam Tamerlões, imperadores,  
Franchinotes, casquilhos e poetas,  
Para ao depois berrarem com ciúmes,  
Sem achar cabeções com que os subjuguem.  
Tu és, Aldonsa, a excepção da regra,  
Amável, linda, cândida, inocente,  
Qual rosa pudibunda em manhã fresca,  
Que da rústica mão do jardineiro  
Deixa talhar o pé, deixa colher-se.

*Ald.* Tão estranhos, tão grandes elogios  
Não chego a merecer; antes conheço  
Que a maior parte da fortuna é minha.  
Uma pobre donzela, sem mais dote  
Que seu singelo amor, em nossos dias  
Mui pouco ou nada vale: sem riqueza  
Quem sofre a formosura? Sãos costumes,  
Honrado sangue, angélico semblante,  
Não namoram os noivos deste tempo.

*Bra.* Maior favor te faz o teu padrinho.

*Ald.* Assim, mana, o confesso, assim lho digo.

#### CENA IV

*Aprígio, Jofre, Inigo e os mesmos*

*Apr.* Aqui trago, compadre, estes senhores,  
Ambos um *non plus ultra* do teatro.  
São músicos, actores, dançarmos,  
Grandes poetas, tudo ao mesmo tempo.  
São dons tomes de rara miscelânea.  
Em ambos quis mostrar a Natureza  
Que sabia fazer uma obra-prima.  
O Senhor Jofre, quando as árias canta  
As almas arripia, cala os ventos.  
Pois o mancebo cá, o meu migo,  
Este vivo bemol, este magano,

Nos lances amorosos é um pasmo!

*Art.* Ambos bem me parecem: gentis moços!

*Jofr.* Sou antigo criado desta casa,  
E mestre da senhora D. Aldonsa.  
Por tão honrado título me julgo  
Merecedor de grandes elogios.

*Art.* Logo o mestre saiu o mais esbelto!

*Ini.* Eu não posso alegar antiguidades,  
Mas vou também na folha. Venturoso,  
Se de aplauso e favor me vejo digno,  
Apesar de não ter merecimento.

*Art.* Ambos discretos são.

*Apr.* Mais que discretos!  
São os melhores Cíceros da Corte,  
Capazes de pregar! Aqui o amigo,  
Um drama já compôs. Logo o veremos.

*Ini.* Dize-me, Branca, que Afonsinho é este?

*Bra.* É padrinho da mana.

*Art.* O Senhor Jofre  
Quanto tempo há que ensina nesta casa?

*Jof.* Há já três anos, pouco mais ou menos.

*Art.* Com que três anos há que nesta casa  
Tem entrada o senhor...

*Apr.* Ai, meu compadre!  
Tu cuidas qu'inda tão alarves somos  
Como no tempo em que daqui te foste?  
Já lá vão os biocos portugueses,  
Mourisca usança, bárbaro ciúme,  
Que uma pobre mulher aferrolhava  
Quais se guardam frenéticos orates:  
Há gente mais feliz! Outros costumes  
Adoptou a nação, abriu os olhos.

*Art.* Eu cuido que os tapou.

*Bra.* Que rabujento!

*Jof.* Adeus, senhor Aprígio.

*Ald.* Espera, Jofre.

*Jof.* Que espere? Para quê?

*Apr.* Para tratarmos  
Deste novo teatro.

*Jof.* Que teatro?  
Com este pregador? Mandas chamar-me  
Para ouvir a missão de um Carioca?

*Art.* Olhem lá se se dói da matadura.

*Ini.* Não desespere, Jofre; tem prudência.

## CENA V

*Gil e os mesmos*

*Gil* Senhor Aprígio Fafes, aqui venho  
Cumprir as suas ordens.

*Apr.* Caro amigo,  
Homero português, Píndaro nosso,  
Já cá te suspirava. Vêm contigo  
As Musas, vêm as Graças.

*Gil* Basta, basta!  
Não estamos nós outros os poetas  
A fartos elogios costumados.  
Os mesmos que nos pedem um soneto  
Para render a dama desdenhosa,  
Ou os anos louvar de uma abadessa,  
Depois de ter campado por discreto  
À custa de um poeta, sem vergonha,  
Juram que são uns doudos os poetas.

## CENA VI

*Brás, Monsieur Arnaldo e os ditos*

*Brás* Amigo Aprígio Fafes, aqui trago  
Monsieur Arnaldo, prático arquitecto.  
O Pozzi, Paradossi e Bibiena  
Traz ali no emicrânio. A perspectiva  
Na pineal lhe velica com tal força  
Que em cada pulsação da traca-artéria  
Um teatro magnífico levanta.

*Apr.* Viva, viva, senhor Arnaldo! Agora  
Que estamos todos juntos, comecemos  
A nossa conferência: venha a banca.  
Vocês não ouvem? Tragam mais cadeiras.

*Art.* Quero que a par de mim se assente Aldonsa.

*Bra. (para Inigo)*  
Queres qu'eu fique cá da outra banda?

*Jof.* Parabém, parabém, senhora Aldonsa!

*Ald.* Se tu souberas, Jofre...

*Jof.* Bem entendo.

*Ini.* Que te parece, Braoca, o Tupinamba?

*Bra.* Velho e relho.

*Apr.* Sentemo-nos, senhores:  
Que grave tribunal! Que majestoso!  
Mal sabe o mundo agora que pendente  
Deste conclave está o seu destino.  
Oh! Quanto, amada pátria, quanto deves  
A teu bom cidadão Aprígio Fafes,  
Suando e tressuando por salvar-te  
Do pélago profundo da ignorância,  
Onde pobre jazias, atolada  
Entre péssimos dramas corriqueiros!  
Deste cano real hoje te saco,  
Qual saca o gandaeiro um prego torto  
Dentre os chichelos velhos da enxurrada.

*Gil* Senhor Aprígio Fafes, isto é tarde,  
E eu tenho que fazer. Vamos ao ponto.

*Apr.* Sim senhor, sim senhor. O caso é este,  
E bem o sabeis, vós há quanto tempo  
Que eu desejo fundar um bom teatro!  
Agora que a Fortuna me depara  
Feliz ocasião de executá-lo  
Com o favor, ali, de meu compadre,  
É preciso ajuntar a sarabanda,  
Repartir os papéis, escolher obra,  
As vistas idear, e celebrarmos  
Com solene escritura este contrato.

*Gil* Senhor Aprígio Fafes, o teatro  
Depende, mais que tudo, do poeta.

Que fazem bastidores e instrumentos  
Sem dramas regulares? Uma boa  
E perfeita tragédia, inda despida  
Da magnífica pompa do aparato,  
Tem mais graça e mais força qu'um mau drama  
No teatro de Régio ou de Veneza,  
Com soberbas tramóias recitado.

*Jof.* Amigo Gil Leinel, ninguém te nega  
O constante poder da poesia:  
Mas quem há-de sofrer *Catão* ou *Dido*  
Do grande Metastásio, repetido  
Entre velhas cortinas, sem orquestra?

*Apr.* Nada, nada, senhores; desse modo  
Aqui nos amanhece: todos juntos  
Não podemos falar. Irá votando  
Por turno cada qual, quando lhe toque.  
Continua, meu Gil; dize o que entendes.

*Gil* Errado vai quem julga que o teatro  
Só para divertir o povo rude  
Dos antigos poetas foi achado.  
Com mais alto desígnio, Atenas, Roma,  
E outras cidades mil o receberam.  
Pode nele ensinar-se à mocidade  
Guardar as santas leis, a fé devida  
À cara pátria, ao príncipe, aos amigos.  
Pode nele mostrar-se quanto é feio  
O pálido semblante da cobiça,  
Da avareza infeliz, da triste inveja.  
Mas para recolher tão grande fruto  
É necessário, Aprígio, que o poeta  
Em sisuda dicção, em frase nobre,  
Com sonoro verso torneado,  
Exponha ao povo fábulas sublimes,  
Tragédias ou comédias regulares.  
Daqui venho a tirar que no teatro  
Não devemos sofrer drama imperfeito  
Cuja graça consiste na doçura  
D'afeminada música moderna,  
Na remendada frase de mil vozes  
Bárbaras, ou guindadas ou rasteiras.  
Longe, longe de nós esta mania:  
Restauremos o português teatro,  
Desagravando a casta língua nossa  
Dos aleives que sem razão lhe assacam.

*Apr.* Viva o Doutor Leinel, Doutor das gentes!  
Quem me dera qu' o bom Goldoni ouvisse

Como ronca um poeta de Lisboa!  
Agora fala Brás licenciado.

*Brás* Eu que posso dizer? Que me parece  
Muito mal tudo quanto aqui se disse.  
Que proveito tiramos em meter-nos  
No princípio em camisas de onze varas?  
Tragédia é cousa que ninguém atura:  
Quem ao teatro vem, vem divertir-se,  
Quer rir e não chorar. Lá vai o tempo  
De lágrimas comprar às carpideiras.  
Não faltam boas óperas, comédias,  
Em Francês, Italiano, em outras línguas,  
Que pode traduzir qualquer pessoa,  
Com enredo mais cómico. Que o povo  
Só se agrada de lances sobre lances.  
Quem isto não fizer, jamais espere  
Que o povo diga *bravo* e dê palmadas.  
É o voto que dou.

*Apr.* Optimamente.  
Arnaldo, agora vota.

*Arn.* Meus senhores,  
Venho ajustar o preço do teatro.  
Com dramas não me meto: os bastidores  
É só o que me toca. Porém digo  
Que regular tragédia nas Itálias  
Muito há que se não usa; que a mudança  
De vistas sobre vistas, as tramóias,  
Mares, incêndios, dragos e batalhas,  
São cousas de que o povo se namora.  
Já eu fiz em teatro trovoadas  
Com raios e relâmpagos tão próprios  
Que as damas desmaiavam: era um gosto  
Ver a gente fugir dos camarotes  
Espantada, bradar misericórdia.

*Ald.* Negro gosto! Quem pode divertir-se  
Com a pavorosa cena dum flagelo?

*Bra.* Bom architecto! Mágico parece.

*Apr.* Calai-vos, filhas. Vote agora Inigo.

*Ini.* Muito dizer podia, pois que tenho  
Experiência bastante de teatro.  
Actor de profissão, isto me basta;  
E também, senhor Gil, o louro Apoio

De comigo tratar não se envergonha.  
Mas, por não demorar a conferência,  
Em branco assinarei. Estou por tudo.

*Art. (à parte)*  
O cão é mouro.

*Apr.* Inigo, desabafa;  
Dize quanto souberes: fala, fala!  
És a coluna do teatro novo.

*Ini.* Pois se devo falar, digo, senhores,  
Que o teatro sem dança pouco vale;  
Muito menos sem música. Podia  
Quem a glória quisesse de primeiro  
Pôr no teatro as óperas cantadas  
Na língua portuguesa. Eu aqui trago  
Uma por mim composta neste gosto.  
É a perda de Tróia: vê-se Eneias  
Sair c'o pai às costas; vai Ascânio  
Com os caros penates abraçado;  
Arde a cidade; caem as altas torres;  
Embarca a gente frígia; muitos anos  
Por inóspito mar andam vagando,  
Até que surgem no distante Lácio,  
Onde Eneias a Turno tira a vida,  
E casa com Lavínia.

*Apr.* Bravo! Bravo!

*Ini.* Tem vários duos, árias, cavatinas.  
Eu cuido que desbanco a Metastásio.

*Bra.* Agora sigo-me eu.

*Apr.* Espera, Branca!  
Perdoa, amigo Jofre, que a memória  
Principia a faltar-me: preterido  
Por engano ficaste, e bem podias  
Pedir a tua vez. Perdoa e fala.

*Jof.* Em tal não reparei. Eu sou sincero,  
Digo o que entendo. E cuido qu' o teatro  
Sem música e sem dança nada vale.  
Há cousa mais formosa que a ligeira,  
Calada pantomina, cujos gestos,  
Sem auxílio das vozes, representam  
Recônditas paixões, mudos suspiros,  
Que entende o coração, ouvem os olhos?  
Que melhor espectáculo que os leves,

Grandes saltos mortais? Que ver nos ares  
Bater c'os calcanhares oito vezes,  
Torcer o corpo e revirar os braços?  
Mas nunca votarei em que façamos  
Ópera em português toda cantada:  
Para tanto não é a língua nossa.  
Algumas árias, duos, recitados  
Se podem tolerar; o mais em prosa:  
Para o teatro nós não temos versos.

*Apr.* Falas como um Gatão. Que dizes, Branca?

*Bra.* Eu sou de parecer que só se façam  
As portuguesas óperas impressas:  
*Encantos de Medeia, Precipícios*  
*De Faetonte, Alecrim e Mangerona.*  
Em outras nunca achei galantaria.

*Apr.* Esse voto era digno de mais anos.  
A ti, amigo Artur, que te parece?

*Art.* Que podem parecer-me tais loucuras?  
Estou tonto de ouvir estes senhores!  
Parece-me que estou entre Paulistas  
Que arrotando congonha, me aturdiam  
Co'a fabulosa ilustre descendência  
De seus claros avós, que de cá foram  
Em jaleco e ceroulas. Mas pergunto:  
As comédias de Calderon, Moreto,  
Candamo e Salazar, isso não presta?  
Têm bichos, meus senhores? Tanta gente,  
Imperadores, reis, infantes, duques,  
Os condes e os marqueses qu'as ouviam  
Com gosto e com prazer, eram uns asnos?  
Só estes meus senhores têm juízo?  
Que Colombos e Gamas denodados  
Para achar novos climas, novos mares!  
Pois digo-vos que só se a minha Aldonsa  
For de contrário voto, o meu dinheiro  
Servirá para as bárbaras ideias  
De que prenhes trazeis essas cabeças.

*Apr.* Aldonsa, minha Aldonsa, que nos dizes?

*Ald.* Eu digo que me louvo no teu voto.

*Gil* Fala, formosa Aldonsa, tu bem sabes  
Quais são as leis e regras do teatro.

*Ald.* Não aceito a lisonja, porém digo



Qu'enfim aprovo quanto tu votaste.

*Apr.* Eu que tenho dois votos, digo o mesmo.

*Art.* Acabou-se a questão, vivamos todos.

*Apr.* Agora, amigo Gil, que obra faremos?

*Gil* Eu tenho vários dramas traduzidos  
De Sófocles, d'Eurípides, Terêncio.

*Apr.* Nada de Grego, nada. Fora, fora!  
Sempre te ouvi dizer que eles não tinham  
Os lances amorosos de que gosta  
O povo português.

*Gil* Queres a *Castro*.  
Tragédia do Ferreira?

*Apr.* Deus me livre!  
Amigo Gil Leinel, eu desejava  
Um drama teu. Conheço nesses olhos  
A suave ternura de teus versos.

*Gil* Pois, amigo, encetemos o teatro  
Com a minha *Ifigénia*.

*Apr.* Belo nome!  
Isso é que eu chamo título arrogante;  
E que em vermelhas letras, nas esquinas,  
Há-de pescar curiosos a cardumes.  
Reportam-se os papéis. Vamos a isso!

*Gil* Ifigénia será Aldonsa bela.

*Ald.* É extenso o papel?

*Gil* Não, é pequeno.  
O senhor Jofre seja Aquiles. Seja...

*Art.* Espere! Tenha mão, senhor poeta!  
Veja como reparte essas garrochas.  
O primeiro galã a mim me toca.

*Gil* Não pode ser galã, há-de ser barbas.

*Art.* Eu barbas! Eu que empresto o meu dinheiro!

*Gil* E que tem o dinheiro co'a figura?  
Um velho nunca pode ser mancebo!

*Art.* Senhor poeta Gil, faça-me graça  
E ponha-se na rua.

*(Levantam-se todos)*

*Apr.* Artur... amigo...  
Onde está a prudência desses anos?

*Art.* Quais anos! *Antes que todo es mi dama:*  
Aldonsa, não a largo. Tenho dito.

*Jof.* Que tal, senhora Aldonsa?

*Ald.* Escuta, Jofre.

*Bra.* Senhor Artur Bigodes, não se engrile;  
Será o que quiser. Quer ser Aquiles?

*Brás* Arnaldo amigo, vamo-nos safando,  
Que isto não pára aqui.

*Arn.* É gente douda.

*(Vão-se os dois)*

## CENA VII

*Todos, menos os dois*

*Apr.* Oh paz, serena paz, que nos deixaste,  
E abrindo as brancas asas te sumiste!  
Inspira-me palavras com que possa  
O velho sossegar encarniçado.  
Amigo Artur Bigodes, que me perdes!

*Art.* Queria o Doutor Gil, esse barbicas,  
Poeta bordalenco, defraudar-me  
Da metade de mim! Fora c'o talho!

Ini, Jofre amigo, despede-te de Aldonsa.

*Gil* Amigo Aprígio Fafes, eu atendo  
Ao respeito devido a tua casa;  
Por isso não respondo a tais injúrias.

*Art.* Adeus, senhor poeta. Faça versos  
Às moças do seu bairro. Não se meta  
A padre cura de outra freguesia.

*Gil* Senhor Artur Bigodes, falaremos.

*(Vai-se)*

#### CENA VIII

*Os mesmos, menos Gil*

*Jof.* Adeus, ingrata Aldonsa.

*Ald.* Ouve-me, Jofre.

*Jof.* Não venho do Brasil. Eu cá sou pobre.

*Bra.* A mana não tem culpa, crê-me, Jofre.

*Art.* Senhor mestre de solfa, vá-se embora,  
Que esta menina toma agora estado,  
E vai senhora ser da sua casa.

*Ini.* Branca, o mineiro cuida que esta casa  
É senzala ou pocilga de crioulos.

*Bra.* Assim convém, assim melhor se encrava.

*Apr.* Amigo Artur, as noivas não costumam  
Os mestres despedir: levam consigo  
Cravo, livros de solfa. O mestre atento  
Vai logo no outro dia visitá-la.

*Art.* Se for a minha casa, hei-de parti-lo!

*Jof.* Sim, barbas lhe deu Maio. Adeus Aprígio.

*(Vai-se)*

#### CENA XX

*Os mesmos menos Jofre*

*Ald.* Infausta sede de ouro, a quanto obrigas  
A cara liberdade! O puro afecto  
A duro cativo hoje condenas!

*Art.* Amigo Aprígio Fafes, de teatro  
Bem te podes deixar: assaz nos bastam  
Os teatros que temos em Lisboa.

Nem tudo há-de ser óperas ou comédia.  
Eu caso com Aldonsa e doto Branca.  
O noivo, lá o busca, pois conheces  
Os bonifrates de chapéu pequeno,  
De rabicho e casacas estiradas,  
De que gostam as moças deste tempo.

*Apr.* Ali migo está, que para genro  
Deseja de comprá-lo a mesma Tétis.

*Ini.* Que ventura maior! Branca, que dizes?

*Bra.* Bem sabes o que posso responder-te,  
Se de amigos extremos não te esqueces.

*Apr.* Inda o Fado não quer, inda não chega  
A época feliz e suspirada  
De lançar do teatro alheias Musas,  
De restaurar a cena portuguesa.  
Vós, Manes de Ferreira e de Miranda,  
E tu, ó Gil Vicente, a quem as Graças  
Embalaram o berço, e te gravaram  
Na honrada campa o nome de Terêncio,  
Esperai, esperai, qu'inda vingados  
E soltos vos vereis do esquecimento.  
Ilustres Portugueses, no teatro  
Não negueis lugar às vossas Musas:  
Elas, não as alheias, publicarão  
De vossos bons avós os grandes feitos,  
Que eternos soarão em seus escritos.  
E podeis esperar paga tão nobre  
Se, detestando parecer ingrato,  
Lhe defenderdes o paterno ninho  
E quiserdes com honra agasalhá-las.

# ASSEMBEIA OU PARTIDA

## DRAMA

### ACTORES:

Brás Carril  
D. Urraca Azevia, sua mulher

Jofre  
D. Dulce  
D. Branca } filhos dos ditos  
Jacob Bilhostre  
Gaspar Picote  
Gil Fustote, compadre de Brás Carril  
Doutor Mucónio, médico  
D. Mafalda, sua filha  
Florestão, escudeiro de liras Carril  
Lourença, criada do mesmo  
Um alcaide  
Um escrivão  
Dois galegos

### Prostáticas:

Jogadores e convidados  
Damas convidadas  
Quadrilheiros

A cena representa a casa de Brás Carril

### CENA I

*Brás Carril e Gil Fustote*

*Brás* Entendes, Gil Fustote, o que te digo?

*Gil* Entendo, entendo: dizes que partida  
Hoje em casa terás, ou assembleia.  
Amigo Brás Carril, estas galhofas,  
Jantares e merendas, são o fruto  
Da reloucada teima de fidalga  
Com que tua mulher sagaz te enloixa

Ou te embrulha na rede em que perneias.  
Compaixão grande, compaixão me deves.  
Partidas! Assembleia! Que mania!

*Brás* E chamas tu mania, Gil Fustote,  
O viver como vive a gente séria  
Hoje em Lisboa? Grandes e pequenos  
Todos querem gozar das sãs delícias,  
Do suave prazer da companhia.

*Gil* Sem esses bons prazeres e delícias,  
Nossos avós e nossos pais viveram  
Fartos, alegres, ricos e contentes.

*Brás* Ora já que traziam retorcidos  
Os grisalhos bigodes, estirada  
A esquelética guedelha, no pescoço  
Crespas golilhas, gorra na cabeça,  
Às calças retalhadas, e pantufos...  
Não tragas tu casaca e cabeleira,  
Nem ates com fivelas os sapatos.  
Mudam-se os tempos, mudam-se os costumes.  
Não vês no frio inverno ao tronco anoso  
Cair-lhe as murchas cãs, e quando toma  
A fresca primavera, verdejarem  
Cobertos de mil folhas, novos ramos?  
Assim as modas são, assim os usos;  
E devemo-nos todos sujeitar-nos  
A tão perpétuas leis da natureza.

*Gil* Amigo, amigo, estás perdido... doudo...

*Brás* Com os olhos abertos.

*Gil* Não to invejo,  
Nem quero governar a casa alheia.  
Fica-te em paz com tuas assembleias,  
Podes sem mim fazer a sinagoga.

*Brás* Caro Fustote, espera que não posso...

*Gil* Eu não canto, nem sou arre-burrinho;  
Pouco gosto de chá, menos de jogo;  
Falta cá não farei. Adeus, amigo.

*Brás* Espera, espera, podes divertir-te  
Ouvindo duas árias. Temos doce,  
E doce delicado, se quiseres.

*Gil* Não caio nesse anzol.

*Brás*                    Meu Gil Fustote,  
Espera, escuta...

*Gil*                    Dize, que mais queres?

*Brás* Eu queria pedir-te algum dinheiro,  
Porque estou sem real. Olha em que dia!

*Gil* Pois a perpétua lei da natureza  
Que murcha as folhas e que traz partidas  
Não dá também dinheiro para o gasto?  
*Breu* Amigo Gil Fustote, eu pouco peço;  
Dá-me, sequer, seis mil e quatrocentos:  
Acode-me, e conforme o nosso ajuste  
Sete e duzentos lançarás na conta.

*Gil* Seis mil e quatrocentos! Quem mos dera!  
Não me pagam tão bem os meus foreiros;  
E a dívida vai já de foz em fora.

*Brás* Oito mil réis porás.

*Gil*                    Isso é perder-te.

*Brás* Qual perder-me!

*Gil*                    Amigo, eu não podia;  
Mas vejo o grande aperto... Toma... Escuta:  
Eu chamo a Deus dos Céus por testemunha  
Sem juro te levar, sem interesse,  
De tão forçosa vexação remir-te;  
E que o pouco que mandas que acrescente  
À nossa conta, é dado e não por força,  
Sim de livre vontade. Adeus, amigo,  
Que vou vestir-me e logo torno.

*(Vai-se)*

## CENA II

*Brás (samente)*

*Brás*                    Tenho  
Para sequilhos, chá, café e cartas.  
Falta só para luzes. Que remédio!  
Recorro ao coscorrinho da senhora,  
Que é fonte limpa. D. Urraca... Urraca...

*(cantando)*

### CENA III

*Brás e Urraca*

*Urr.* Assim se chama, Brás, uma fidalga?

*Brás* Perdoa, filha, que hoje não me lembro  
Nem de Excelências, nem de Senhorias.  
Mandando à via estou a nau ronqueira  
Com vento escasso e com estofas águas.

*Urr.* O rato sempre foge para a palha,  
E preto velho não aprende língua.

*Brás* Que vens a dizer nisso? Que me esqueço  
De etiquetas, medidas, cerimónias,  
E mais ritos e leis da fidalguia  
Com que queres, Urraca, ser tratada?  
Ou entendes que meus progenitores  
Descendem de outro Adão, e que não foram  
Por seus honrados feitos estimados,  
Bons vassalos, fiéis e servidores?

*Urr.* Tem bem que ver Carris com Azevias  
Por linha masculina descendentes  
De príncipes, de reis, imperadores,  
E que até nos colchetes dos costados  
Têm mitras e roquetes!

*Brás*                      Basta! Basta!

*(fazendo-lhe muitas cortesias)*

Senhora, Excelentíssima senhora  
D. Urraca Azevia!... Mas, menina,  
Vamos ao caso: falta para a noite  
Dois arráteis de velas... Eu não posso...

*Urr.* Queres, já sei, pregar-me esse calote.  
*Brás* Não é calote, que pagar prometo.

*Urr.* Quando tiverem dentes as galinhas...  
Mas para que conheças que não falto  
Quando é preciso, mandarei buscá-los.

*Brás* Onde mesas não há, não há cadeiras,  
Colheres, castiçais, pratos, bandejas,



Querer dar assembleias e partidas,  
É nadar sem bexigas.

*Urr.* Mas com lábia  
Tudo se vence, tudo se consegue;  
Porque a gente ordinária, agasalhada  
Com uma tal lhaneza, facilmente  
Deixa cardar a lã. Anda o dinheiro  
Pelas mãos de vilões contra vontade;  
E, como galgo em trela, cubiçoso  
De entrar nas algibeiras de fidalgos  
Para brilhar com pompa e luzimento  
Em ricas mesas, em custosas galas.

*Brás* Ah! Vossa Senhoria ou Excelência  
É perdida entre nós! Que são doutrina,  
Que políticas máximas de Estado  
Caindo não lhe estão por entre os dedos?  
Que florente não fora o vasto império  
Das fulas Amazonas, se o regeira  
Tão gentil coração, alma tão nobre!

*Urr.* Só me julga capaz de mandar gente  
Tão sáfara e boçal? Negros, Tapuias?  
Agradeço-te, Brás, o bom conceito  
Que tu fazes de mim: bem me conheces.  
Se fosse outra qualquer, dessas que campam  
Por letradas, que gostam de ouvir versos,  
Que os repetem, que os fazem, se lhos fazem,  
Dessas...

#### CENA IV

*Um Galego com uma teiga e os mesmos*

*Gal.* Aqui, senhor, manda meu amo,  
Senhor Jacob Bilhostre, o que se pede.  
Vêm oito castiçais. Diz que tesoura  
É traste que não tem, menos de prata;  
Que virá a seus pés, como lhe ordena,  
Que sempre estimará poder servi-lo.

*Brás* Vai-te, dize ao senhor Jacob Bilhostre  
Que tudo recebi, que fica entregue.

*(Vai-se o Galego)*

#### CENA V

*Brás e Urraca*

*Brás* Vejamos que tais são. Olá! Soberbos!  
Que sécia, minha Urraca! Estás contente?

*Urr.* Nunca vi castiçais? Tu imaginas  
Que em berço de cortiça me embalaram?  
Que nasci num curral?

*Bás* Não digo tanto...  
Mas olha, são magníficos e novos.

*Urr.* Na verdade são bons. Mal empregados  
Em casa onde bastava uma candeia;  
E talvez que nem essa ela teria,  
Quando sebo vendia aos Remolares  
Na fétida baiuca... Mas o tempo...

CENA VI

*Outro Galego com teiga e os mesmos*

*Gal.* Aqui manda o senhor Gaspar Picote  
Açucareiro, bule e cafeteira  
Com três dúzias de xícaras e pires;  
Que sente não ter mais; e fica pronto  
Para a Vossas Mercês servir em tudo.

*Urr. (irada e furiosa.)*

Mercê! A mim Mercê? Mercê! Maroto,  
Atrevido, insolente! Vai-te embora!  
Tu não sabes falar? Dize a teu amo  
Que te mande ensinar: logo pareces  
Criado de vilão...

*Brás* Urraca, Urraca...

*Urr.* Tolo, tolo! E pretendes que tolere  
Semelhante dizer? Foras tu outro  
E souberas melhor desagrar-me!  
Mas tenho quem nas veias lhe circule  
O sangue generoso de Azevias,  
Que vingar saberá tamanha ofensa.

*(Vai-se)*

CENA VII

*Galego e Brás Carril*

*Gal.* A senhora está doida? Coitadinha!

*Brás* Vai-te, rapaz, adeus! Vai-te depressa,  
Não te venha pregar alguma surra.

*Gal.* A mim, senhor? Porquê?

*Brás* Safa-te, fuge.

*(Vai-se o Galego)*

CENA VIII

*Jofre, Urraca, Florestão (com uma tesoura), Lourença e Brás*

*Jof.* Maroto... patifão... vilão... galego...  
Atrevido..., insolente...

*(correndo todo o teatro)*

*Brás* Olá, que é isto?  
*Jofre,* não ouves? Onde vais?... Espera.

*(correndo atrás de Jofre:)*

*Jof.* Este vilão ruim, ladrão, patife...

*Urr.* Mata, filho, mata! A ferro e fogo  
Assolaram teus ínclitos maiores  
Tetuão, Azamor, Tânger, Arzila.

*Flo.* Mate, fidalgo, mate esse galego!  
Seja David do sórdido Golias.

*Brás (a Jofre)*

Tem mão! Tem mão!

*Jof.* Senhor, deixe-me!

*Urr.* Mata!  
Mata, meu filho, mata!

*Flo.* Morra, mate!

*Brás (enfadado)*

A quem? A quem?

*Urr.* Filho...

*Flo.* Fidalgo...

*Lou.* Mate!

*Brás (pega-lhe no braço)*  
Tem mão, olá! Jofre, que fazes?

*Lou. (dando em Jofre)*  
Com a pá de varrer nesta batalha  
A forneira serei de Aljubarrota.

*Brás (dá-lhe)*  
Não ouves, marotão? Anda, patife!

*Urr.* Vilão...

*Flo.* Fidalgo...

*Urr.* Assim se trata um filho  
Descendente de heróis?

*Flo. (sustendo a Brás)*  
Fidalgo...

*Lou.* Dalgo...

*Flo.* Vossa Excelência, Vossa Senhoria...

## CENA IX

*Jacob e os ditos*

*Jac.* A partida por entremez começa?  
Senhora D. Urraca... Amigo, amigo!

*Brás* Senhor Monsieur Bilhostre, este magano...

*Urr.* Senhor Bilhostre, um filho meu... fidalgo,  
Descendente do grande Lancerote  
Que a Barbaroxa arrancava as barbas,  
Que arrastou pelos sórdidos cabelos  
Solimões, Mustafás e Mafamedes,  
Não devera seu pai injuriá-lo,  
E na minha presença.

*Brás* Mas que injúria?

*Urr.* Não é injúria dar-lhe bofetadas?  
Alma fidalga de meu pai, que gozas  
No empíreo ao menos do lugar de duque,  
Como não descas a vingar tamanha,  
Tão desmedida afronta?

*Jac.* Não senhor,  
O castigo de um pai não é injúria.  
Mas, senhores, o dia de partida,  
Um tão solene dia, não é dia  
De arruídos, de rixas e disputas.  
Em Londres, em Paris, Parma e Veneza,  
Estes bons dias são em todo mundo  
Ao prazer e sossego dedicados.  
Solto e mil farpas de ouro despedindo,  
Anda voando Amor nas assembleias,  
E, qual sonora abelha em lindas flores,  
Bebe o suave néctar nos formosos  
E triunfantes olhos das madamas  
Com que ferozes corações abranda  
D'homens os mais austeros e sisudos.

*Brás* Muito bem me parece. Pazes, pazes!  
Leva a teiga daí, ouves, Lourença?

*Urr.* Que pretendes, meu Jofre?

*Jof. (apalpando-se)*  
Uma arrecada  
Que me caiu da orelha. E tenho sangue.

*Brás* Uma orelha?  
*Flo.* Não, senhor, um brinco.

*Urr.* Busca, Lourença.

*Lou. (brincando e cantando)*  
Um... Dois... Três, e argolinha  
*(parando)*  
Ei-la... Não... Finca pé de pampolinha...

*Flo.* Ei-la, fidalgo. Alvissaras, fidalga!

*Brás* Ora está bem, senhora, vá vestir-se.  
Vai tu, Lourença, limpar a prata!  
E tu vai, Florestão, comprar o doce.

*Urr. (fazendo-lhe uma mesura)*

Com licença, senhor.

*(Vai-se)*

*Jac.* Minha senhora.

*Jof.* Quem há-de pentear-me, se vais fora?

*Flo.* Se me manda seu pai...

*Brás* Não, não, primeiro  
O podes pentear.

*Flo.* Vamos, fidalgo.

*Jof.* Vamos depressa, Florestão, que é tarde.

*(Vão-se)*

## CENA X

*Jacob Bilhostre e Brás Canil*

*Jac.* Hoje, senhor Carril, vinha mais cedo  
Para meter em ordem de batalha  
As mesas e cadeiras. Todos falam  
Em partida, assembleia; poucos sabem  
As regras da importante simetria  
Com que se deve preparar a sala  
Que serve para um acto tão vistoso.  
Porém vejo que tudo está já pronto,  
Tudo no seu lugar.

*Brás* Falta-me a cera,  
Acabou-se o dinheiro.

*Jac.* Eu pouco trago.  
Bastará um quartinho?

*Brás* Basta, basta.  
Eu lhe mando já vir as raparigas.

*Jac.* Muito bom cravo.

*Brás* É do Doutor Mucónio,  
Daquele corifeu da medicina.

*Jac.* Ele vem cá?

*Brás*                    Espero que não falte.

*Jac.* Sua filha virá?

*Brás*                    Foi convidada.

*Jac.* Venha com Deus!

*Brás*                    Eu cuido que me chamam.

## CENA XI

*Jacob, Brás, Dulce e Branca*

*Dul.* Vá depressa, meu pai, que é lá preciso.

*Brás* Que falta lá?

*Dul.*                    Dinheiro para açúcar.

*(Vai-se Brás)*

*Bra.* Boa tarde, senhor Jacob Bilhostre.

*Jac.* Senhora D. Branca, boa tarde.  
Minha Dulce, meu bem, minha senhora.

*Dul.* A Pedro donde vem falar galego?

*Jac.* Do coração, do coração rebenta  
O Vesúvio de fêrvidos suspiros,  
Com que, humilde, cativa, a liberdade,  
Ante esses lindos olhos ajoelha.

*Dul.* Não me fale em Latim, que não entendo.

*Jac.* Entendes, bela Dulce, bem me entendes...  
Estas as frases são com que se explica  
Uma alma tão discreta que te adora.

*Dul.* O bem que representa! Logo mostra  
Que a filha do Doutor soube ensaiá-lo.

*Jac.* A filha do Doutor?

*Dul.*                    D. Mafalda.

*Jac.* Se eu, Branca, lhe falei...

*Bra.*                    Eu! Que me importa!

*Jac.* Escuta, minha Dulce...

*Dul.* É mui formosa!

*Jac.* Aqui de cumprimento...

*Dul.* Mui discreta.

*Jac.* Se fui à sua casa...

*Dul.* Que bem canta!

*Bra.* Dança muito melhor!

*Jac.* Porém, senhoras...

*Dul.* Tem bom dote.

*Jac.* Mas eu...

*Bra.* O pai é rico...

*Jac.* Escuta, minha Dulce...

*Dul.* Eu não sou sua.  
Da formosa Mafalda é só vassalo  
Esse perdido coração infame!  
Tudo, tudo já sei.

*Jac.* É tudo engano.  
Se, Dulce, quebrantei a fé jurada,  
Nunca mais a meus olhos esclareça  
O vivo e gentil lume que amanhece  
Em teu semblante angélico; troando  
Em vermelhos coriscos se converta,  
Caia, fulmine, assombre, despedace,  
Alma, vida, sentidos, pensamentos.  
E o fido coração onde tu reinas  
Deixe a teus pés de lágrimas banhado  
Entre pisadas cinzas palpitando.

*Dul.* Branca, não lhe resistes.

*Bra.* Eu me estremeço.

*Jac.* Dulce, minha senhora, Dulce amada,  
Ah! Não fujas, escuta, ouve-me, espera,  
Ao menos me permite o desafogo  
Daquela mão beijar, por despedida,  
A cujo aceno o mesmo Amor se humilha.



E que de Amor o arco retorcido,  
Enrista das as frechas estridentes,  
Mirou ao fraco peito que anelava  
De teus soberbos olhos ser ferido.  
Bem me viste cair, Dulce, bem viste  
Do roto coração o sangue quente  
Fumegando brotar, e em crespos rios  
Alagar a campanha que pisavas,  
Os míseros despojos arrastando.

*Dul.* Oh! Que fracas nós somos! Pois nos rende,  
Nos encanta e cativa a liberdade  
O doce som dumas sonoras vozes  
Que raras vezes, mana, percebemos.

*Bra.* As que de versos gostam não resistem  
À buena dicha dum poeta amante.

*Jac.* Dulce, formosa Dulce! Dulce ingrata!  
Se minhas tristes queixas não entendes,  
Entende, entende as lágrimas que choro.  
Olha, vê c'os teus olhos em meus olhos  
Brilhar o vivo fogo com que abrasas  
Uma alma que só vive de querer-te.

*Dul.* Branca, não posso... Morro.

*Bra.* Choras, Dulce?

*Dul.* Basta, basta, Jacob! Enfim venceste.  
De tão fiel, rendida vassalagem  
Não quero desprezar o sacrifício.  
Mas ouve a dura lei, se me prometes  
Observá-la com ânimo constante.

*Jac.* Pela luz dos teus olhos o prometo.

*Dul.* Vê o que dizes: nunca mais à casa  
Tornarás de Mafalda.

*Jac.* Assim o juro,  
Dulce, minha senhora.

## CENA XII

*Gaspar Picote e os mesmos*

*Pic.* Boa tarde,

Senhora D. Dulce. Minha Branca,  
Boa tarde, ou bons dias, pois já vejo  
Que vão amanhecendo nesta casa  
Os polidos costumes estrangeiros.  
Graças a Deus que temos assembleia,  
Que já temos partida, que podemos  
Sem pejo conversar, que rir podemos  
Sem receio dos olhos assustados  
Com que a senhora D. Urraca, altiva  
Inda mais que ciosa, pretendia  
Espantar os lindíssimos Amores  
Que em torno do seu rosto andam voando.

*Bra.* Isto é comédia, Dulce; trazem ambos  
Os papéis estudados.

*Dul.* Eu te creio.

*Bra.* Imagina, senhor Gaspar Picote,  
Que isto é casa de baile? Inda não sabe  
Que pessoas de nossa qualidade:..

*Pic.* Já vejo, são de pedra, são de bronze;  
E em vez de alvos, de cristalinos peitos,  
Trazem arneses d' aço e diamante,  
Onde de balde rompe Amor as setas.

*Bra.* Não o diga zombando, pode crê-lo.

*Pic.* Santas Páscoas! Mas isto de partida,  
É a feira da Gualva, onde se escolhe:  
Logo virão pelouros, branda cera,  
Que com mui pouco lume se derrete.

*Dul.* Lé com lé, cré com cré.

*Pic.* Amor é cego,  
E nunca soube ler genealogias.  
Dize, Branca, virá D. Mafalda?

*Bra.* Virá, logo virá, pérfido, ingrato!

*Dul.* Tu choras, Branca?

*Bra.* Choro, Dulce, choro.  
O negro fado, a minha desventura,  
Que a crer me forçou com tanto extremo  
Um perjuro, traidor, pérfido, ingrato.

*Pic.* Um perjuro, traidor, pérfido, ingrato,

Palavras são de amor e de quem ama.  
Mas tão grande senhora, e tão fidalga,  
Não pode ter amor, amar não deve,  
Que desta vil paixão nasceu isenta.  
E dois milhões de avós, que não fariam  
Se soubessem que a neta namorada  
Maculava a prosápia generosa  
Acolhendo os suspiros de um amante  
Que ao certo não se sabe se descende  
De Abel ou de Caim? Melhor me fora  
Remar numa galé! Qual outro Orestes,  
Das veneráveis Fúrias avexado,  
Me vira em toda a parte perseguido  
De finados heróis, sombras ilustres...

*Jac.* Caro amigo Picote, basta, basta!  
Estes arrufos são de namorados.  
Mas hoje não é dia...

### CENA XIII

*Jofre e os ditos*

*Jof.* Meus senhores,  
Meu Jacob, meu Gaspar, caros amigos...  
Mas, pára carruagem; foi à porta...  
Será D. Mafalda... Com licença.  
Vou abaixo buscá-la e dar-lhe o braço.

*(Vai-se)*

*Pic.* Perdoa, minha Branca.

*Bra.* Aí vem Mafalda.  
E não vais recebê-la?

*Pic.* Não, senhora!

### CENA XIV

*Jofre, Mafalda, Urraca e os ditos*

*Maf.* Não pude vir mais cedo, senhor Jofre.

*Jof.* Quando a Aurora aparece, sempre é cedo.  
Eu aqui venho já co'a minha dama.

*Urr.* Minha linda Mafalda, quanto estimo

Que venhas divertir-te e divertir-nos.

*Bra.* O Doutor não virá?

*Maf.* Teve recado  
Para ir a uma junta, mas vem logo.

#### CENA XV

*Gil Fustote, Lourença, Brás e Florestão*

*Gil* Ora vejamos isto de assembleia  
Em que vem a parar.

*Brás* Que te parece,  
Amigo Gil Fustote? Não te agrada  
Tão sincera alegria?

*Gil* Agrada, agrada.

*Brás* Não há maior prazer que a companhia.

*Gil* Té o lavar dos cestos é vindima.

*Brás* Lourença! Florestão! Venham cá todos!  
Tragam cadeiras, tragam cartas, luzes.

*Lou.* Trarei os castiçais, ou candeeiro?

*Brás* O candeeiro, tola? Velas, velas!

*Lou.* Sem castiçais?

*Brás* Com castiçais. Que burra!

*Loa.* Temos sepulcro.

*(Vai-se)*

*Flo.* Cuido que é charola.

*(Vai-se)*

#### CENA XVI

*Brás, Jacob, Gaspar Picote, Jofre, Gil Fustote, Mafalda, Dulce, Branca e Urraca*

*Brás* Eia, senhores, vamos! Comecemos

A famosa partida! Haja fandango!  
Alegria! Brinquemos! Alegria!  
Fora uma cã se lance! Falem, falem!  
Minhas senhoras, dancem, cantem, riam!  
Fora, fora daqui as cerimónias!  
*Allons* sentar, sentar sem precedências.  
Venha chá! Venham doces! Venham cartas!  
Joguem e ralhem, gritem, descomponha  
O parceiro ao parceiro! É desafogo  
Que foi sempre a quem perde concedido.  
Senhor Bilhostre, a boa poesia,  
Apesar de Piatão e de seiscentos  
Que nunca o leram, seu lugar merece.  
Venha mote... Lá vai! Lá vai! Ouçamos.

*Jac.* Amigo Brás Carril, a poesia  
Não é adufe, gaita, nem viola,  
Que tanja cada qual quando lhe agrada.  
Logo, logo será.

*Pic.* Ao cravo, ao cravo!  
As senhoras cantando nos inspiram  
Versos das Musas e de Apolo dignos.

*Jof.* A senhora Mafalda principie.  
já pesados nas asas os Amores  
Estão co'a boca aberta para ouvi-la.  
E, os estrondosos Ventos enclaustrando,  
Éolo amarra o odre, porque teme  
Que tão doces, angélicos acentos  
Varrendo os mansos ares lhe desmanchem.

*Maf.* Isso, com pouco mais, era um soneto.

*Dul.* E dos da moda.

*Pic.* O prólogo é já grande.  
Vamos, que o tempo voa.

*Brás* É certo, é certo!  
Senhores, atenção: falem calados.  
Vá, sente-se, senhora Mafaldinha.  
Mas espere, a cantata de Dido há-de  
Ser recitada. Seja em pé. Ouçamos.

*Maf.* Inda mais essa?

*Brás* Faltam bastidores;  
Cuidarei no teatro pouco a pouco.

*Maf. (recitando)*

CANTATA:

Já no roxo Oriente, branqueando,  
As prenes velas da troiana frota  
Entre as vagas azuis do mar dourado  
Sobre as asas dos ventos se escondiam.

A misérrima Dido

Pelos paços reais vaga ululando,  
C'os turvos olhos inda em vão procura

O fugitivo Eneias.

Só ermas ruas, só desertas praças  
A recente Cartago lhe apresenta.  
Com medonho fragor na praia nua  
Fremem de noite as solitárias ondas;  
E nas douradas grimpas  
Das cúpulas soberbas  
Piam nocturnas agoureiras aves.

Do marmóreo sepulcro

Atónita imagina

Que mil vezes ouviu as frias cinzas  
Do defunto Siqueu com débeis vozes,  
Suspirando chamar: Elisa, Elisa!  
D'Orco aos tremendos númens

Sacrificios prepara;

Mas viu esmorecida

Em torno dos turícremos altares  
Negra espuma ferver nas ricas taças  
E o derramado vinho  
Em pélagos de sangue converter-se.

Frenética delira;

Pálido o rosto lindo,

A madeixa subtil desentrançada,  
Já com trémulo pé entra sem tino

No ditoso aposento,

Onde do ínfido amante

Ouviu enternecida

Magoados suspiros, brandas queixas.  
Ali as cruéis Parcas lhe mostraram  
As ilíacas roupas que pendentas  
Do tálamo dourado descobriam  
O lustroso pavês, a teucra espada.  
Com a convulsa mão súbito arranca  
A lâmina fulgente da bainha,  
E sobre o duro ferro penetrante  
Arroja o tenro cristalino peito.  
E em borbotões de espuma murmurando  
O quente sangue da ferida salta.  
De roxas espadananas rociadas

Tremem da sala as dóricas colunas.  
Três vezes tenta erguer-se,  
Três vezes desmaiada sobre o leito,  
O corpo revolvendo, ao céu levanta  
Os macerados olhos.  
Depois, atenta na lustrosa malha  
Do prófugo Dardânio,  
Estas últimas vozes repetia,  
E os lastimosos, lúgubres acentos,  
Pelas áureas abóbadas voando  
Longo tempo depois gemer se ouviram:

Doces despojos  
Tão bem logrados  
Dos olhos meus,  
Enquanto os fados,  
Enquanto Deus  
O consentiam.  
Da triste Dido  
A alma aceitai,  
Destes cuidados  
Me libertai.  
Dido infelice  
Assaz viveu;  
D'alta Cartago  
O muro ergueu:  
Agora, nua,  
Já de Caronte  
A sombra sua  
Na barca feia  
De Flegetonte  
A negra veia  
Surcando vai.

*Brás* Bravo! Bravo!

*Dul.* Que viva!

*Jac.* Bravo!

*Bra.* Viva!

*Urr.* Excelente cantata!

*Pic.* Bela, nobre!

*Jac.* A música é sublime!

*Jof.* A poesia  
Não é menos suave, e na verdade

Pode calçar o trágico coturno.

*Maf.* É do senhor Bilhostre.

*Bra.* Viva! Viva!

*Dul.* É do senhor Bilhostre?

*Jac.* Sim, senhora.

*Dul.* Fê-la para a senhora?

*Jac.* Não, senhora.

*Maf.* Não, minha Dulce.

*Dul.* Basta, já percebo...

*Brás* Seguem-se versos, cantem os poetas  
Com plectro de marfim em liras de ouro.

*Jof.* Lá vai.

*Brás* Tu o primeiro?

*Urr.* Tu poeta?

*Jof.* (recitando)

SONETO:

Não menti, não, se disse que os Amores  
Estavam no ar suspensos, esperando  
Que tua voz divina modulando  
Aplacasse dos ventos os furores.

Ergue, Mafalda, os olhos vencedores,  
Vê-lo-ás por aqui andar voando,  
E, os retorcidos arcos afrouxando,  
Largar das tenras mãos os passadores.

Não vês o fulvo Tejo c'o tridente  
Os cavalos azuis estar detendo,  
As levantadas ondas reprimindo?

Se isto sente, Mafalda, quem não sente,  
Que não sentirei eu ouvindo e vendo  
Tua angélica voz, rosto lindo?

*Maf.* Belo, sublime!



*Jac.* Viva!

*Brás* Bravo! Bravo!

*Pic.* Que viva, Senhor Jofre!

*Jof.* Basta! Basta!

*Urr.* Tu poeta, meu Jofre? Coutadinho!

*Pic.* E que mau é, senhora, ser poeta?

*Urr.* De frenesi tão louco imaginava  
Que só pobres vilões adoeciam;  
E teus grandes avós, que eram ilustres,  
Sabiam de cavalos, não de livros.

*Bil.* Seriam excelentes alveitaires.

*Dul.* Poetas nunca achei nos nobiliários.  
Antes mouro ou judeu.

*Bra.* Dulce, estás doida?

*Jac.* Que há-de ser, se eu compus o recitado!

*Brás* Victor sério, senhores. Versos, versos!

*Dul.* Queres que todos só de versos gostem?  
É perverter as leis da natureza.

*Jac.* (*recitando*)

*É perverter as leis da natureza*

SONETO:

Se tuas longas asas despregando  
De negras louras plumas estofadas  
Atrás das leves horas apressadas  
O bom dia que espero vem voando,

Como te estás, ó Tempo, demorando  
Nestas só de desgosto prolongadas?  
Já que vieram tão aceleradas,  
Co'a mesma pressa deixas ir passando.

Mas eu cuido que a cena lastimosa  
De meus males te deixa suspendido,

Ou perdes só comigo a ligeireza.

Ah! Foge de tragédia tão pasmosa,  
Que mostrar-te uma vez enternecido  
É *perverter as leis da natureza*.

*Dul.* Viva!

*Pic.* Bonito!

*Brás* Deu-me co'os pés n'alma!

*Urr.* Nem o soneto os tem, nem tu amores.

*Brás* O soneto tem pés, amor eu tenho.

*Urr.* Insolente! Traidor! Tu imaginas  
Que ter um velho amor não é tontice?

*Pic. (recitando)*

*Que ter um velho amor não é tontice*

SONETO:

Estavam as três graças penteando  
O cabelo subtil de Amor um dia,  
Qual c'o marfim assírio lhos abria,  
Outras andam mil gemas preparando.

Amor, como rapaz, de quando em quando  
Co'a dourada cabeça lhe fugia;  
Porém vê que Eufrosina se sorria,  
Porque Aglauro lhe está as cãs tirando.

O menino pasmado vê no espelho  
Por entre os anéis de ouro reluzente  
Branquejar a saraiva da velhice.

Suspira e diz: – Oh! saiba a cega gente  
Que Amor nascendo moço se faz velho,  
*Que ter um velho amor, não é tontice.*

*Urr.* Senhor Picote, viva muitos anos!

*Brás* Bravo, Picote! Viva! Bom soneto.

*Bra.* Viva, senhor Picote! Há-de escrevê-lo.

*Pic.* Tal não farei, por certo.

*Brás* Eu também quero  
Mostrar o meu talento. Venha o mote.

*Urr.* Que fazes, Brás, que fazes?

*Bra.* Versos, versos.  
Porque também levei palmatoadas,  
Aprendi, estudei; e no meu tempo  
Soube muito bem sintaxe.

## CENA XVII

*Mucónio e os ditos*

*Muc.* Boas noites.  
Criado, meus senhores e senhoras.

*Jof.* Senhor Doutor Mucónio.

*Muc.* Senhor Jofre...  
Mas que vejo! Senhores, fujam! Fujam!  
Foge, Mafalda! Fujam! Fujam todos!

*Brás* De que havemos fugir?

*Dul.* Ai que eu desmaio!

*Bra.* Que é?

*Urr.* Que será?

*Muc.* Fugamos!

*Jac.* De quem?

*Muc.* Fujam!  
Fujam, fujam, senhores! Estão cegos?  
Não têm visto, não têm ainda observado  
No senhor Jofre os tétricos sintomas  
Da endémica, epidémica, estrangeira  
Pestífera, letal enfermidade,  
Que grassando a Lisboa insulta, ataca,  
A pobre, débil mocidade estulta?

*Brás* É peste, meu Doutor?

*Muc.* Sim, senhor, peste;  
E peste a mais cruel que tenho visto.

*Urr.* Deus nos livre, Doutor!

*Jac.* Está zombando,  
Senhor Mucónio?

*Pic.* Branca, será ópio?

*Muc.* Não zombo, não, senhores, falo sério.  
É um forte contágio de chicotes,  
De tranças e de arrochos no cachaço,  
De que andam enfeitados os casquilhos.

*Jac.* Eu não disse, senhores, que era brinco?

*Muc.* É bom brinco, Bilhostre... É mal, é peste!  
É a plica polónica, doença  
Que assim como no Norte e em vários climas  
Os Polacos e Sármatas transforma  
Em medonhos espectros e fantasmas,  
Transforma cá no nosso continente  
Os mancebos gentis em bonifrates.

*Briás* Que nova, que recôndita ciência!  
Já tinha reparado na grossura  
Deste imenso chicote de meu filho;  
Mas cuidei que era moda.

*Muc.* Boa moda!

*Jof.* É boa logração, Doutor Mucónio.

*Muc.* Que é boa logração? Fugam! Fugamos!...

*Brás* Espere, meu Doutor, diga primeiro  
Em que pára este mal, em que consiste.

*Muc.* Consiste na disforme, na medonha,  
Espantosa grossura dos cabelos  
Que cirrosos, talvez lignificados  
Se grudam e se empastam um com outro.  
Esta massa fatal ou côdea espessa,  
A cutânea excreção embaraçando,  
Os humores estagna excrementícios,  
Se inflamam, se coagulam nas minutas  
Ceriferárias glândulas represos.

*Jof.* Que se segue daí?

*Muc.* O que se segue?

Mais alta que a coluna de Trajano,  
Uma agulha ou pirâmide disforme  
De esquilidos cabelos sobre a testa  
Dos enfermos estúpidos erguida,  
Lhe carrega a moleira com tal peso  
Que, convulsos os olhos retorcidos,  
O abertos em hórridos espasmos,  
Se trabalham, se cansam, se enfraquecem,  
Donde veio o contágio das lunetas,  
Que tantos Polifemos de um só olho  
Encrespando o nariz, metem à cara.

*Brás* Forte doença!

*Bra.* Triste enfermidade!

*Jof.* Quimeras! Petas! Lograções! Mentiras!

*Brás* Cal'te, insolente! Diga, meu Mucónio.

*Muc.* A disforme pasmosa intumescência  
Atacando estas glândulas que disse,  
E que por locação são conglobadas,  
As conglomeram tanto e tanto as une  
Que a estranha mole, túrgida grandeza  
Nos inchados pescoços aparece,  
Apesar de dez varas de gravata  
Que amortalha os focinhos espantados.

*Urr.* Coutado do meu Jofre!

*Brás* Eu bem dizia,  
Vendo que não bastava meia peça  
De cambraia, de cassa, ou musselina  
Para duas gravatas. Meu Mucónio,  
Fala, dize-nos tudo quanto sabes.

*Muc.* Quanto eu sei, meus senhores... São incríveis  
Deste tremendo mal, deste contágio  
Os enormes e mágicos portentos,  
Piores que os tessálicos prestígios  
Com que Circe tornou os companheiros  
Do sábio Grego em javalis cerdosos.  
Alevedado o tímido fermento,  
Que as glândulas, enfim, apinhoadas  
Em tamanhas escrófulas acabam  
Que em seus doutos escritos nos atestam  
Banivénio e Boneto que cortaram  
Alporcas de sessenta, e trinta libras...

*Pic.* Ópio! Carapetão!

*Brás*

Bravo, Mucónio!

*Muc.* Leiam, senhores, leiam, não se riam,  
Ouçam: *In momento temporis* do enfermo  
Incha o pescoço; os tábidos bracinhos  
Se mirram e se encolhem, e parecem  
De boneco de massa; mal campeiam  
As entanguidas pernas marasmadas,  
E dos luídos pés cascos vidrentos  
O tarso e o metatarso edematoso  
Só consente nas unhas as fivelas.  
Finalmente, senhor, degenerando  
A massa dos humores pelas pravas  
Estranhas qualidades que lhe adquire  
A errada nutrição em todo o corpo,  
Os horrendos estragos se propagam  
Da triste, da fatal metamorfose  
Que os enfermos e míseros casquilhos  
Em peraltas ridículos transforma.

*Brás* Tem razão, tem razão! Agora atino  
Na causa e na moléstia, e já me lembro  
De vários manequins empanturrados  
Que passeiam as ruas de Lisboa,  
Pálidos, paralíticos, convulsos,  
Quase sempre c'os beiços ruminando,  
Que trazem já safados de lambê-los.

*Jof.* Tal não creia, senhor, é zombaria.

*Brás* Cal'te, tolo, asneirão! Senhor Mucónio,  
Quero são o rapaz, aí lho entrego.  
E se manda que faça quarentena,  
No telhado o porei, não nos empeste  
Com seus malignos e mortais vapores.

*Muc.* O mal ainda parece incipiente.  
Remédio lhe daremos; mas primeiro  
Intento dissecar este cabelo.  
É valente tortulho, enorme trança!

*Urr.* Meu Jofre, tem constância, tem paciência.

*Jof.* Senhora, que é mentira!

*Muc.* Qual mentira!

*Brás* Chítton, tolo, chítton!

*Jac.* E cai no logro!

*Pic.* Forte pateta! Come bem as petas!

*Bra.* Florestão! Florestão!

*Flo.* Senhor?

*Brás* Depressa,  
Desmancha esse rabicho, essa serpente.

*Jof.* Hei-de ficar, senhor, esgadelhado?

*Brás* Sim senhor, sim senhor. Senhor Mucónio,  
Faça quanto quiser, talhe, retalhe,  
Purgue, sangue, tosquie, desenrole...

*Muc.* Olhem lá, meus senhores, se me engano!  
Lignificada a pútrida matéria  
Já vem aparecendo. Vejam, vejam  
Que tassalho de pau!... É caso horrendo!

*Brás* Pois que vai, minha Urraca? Que me dizes?  
Em que se torna o sangue de Azevias?

*Urr.* Que posso responder? Estou pasmada!

*Jac.* É forte surra!

*Pic.* Logração completa.

*Muc.* Que tal é o caroço do lobinho?

*Urr.* Coutado do rapaz!

*Brás* Deite isso fora.

*Muc.* Nada, nada, senhor, deve guardar-se.  
Estes são os cabelos com que sara  
De tão danado cão a mordedura.  
Agora vamos receitar, escute:  
Este viloso, esquálido chumaço,  
Cirroso laparão, túrgido edema  
De tumentes cabelos empastados,  
Crestado, seco, estítico, mirrado  
Pela má rotação do sangue podre,  
E total discrasia dos humores  
Ácidos, corrosivos, virulentos,  
Adquire a seca e tábida dureza,  
Que do seco cação a rija pele;  
Para estendê-lo, para amaciá-lo

Deve ungir-se com bálamo asinino,  
E para o ver elástico e flexível  
Duas vezes ao dia, nove dias,  
Há-de batê-lo, e muito bem sová-lo,  
Com este mesmo arrocho, taco ou toco.  
É remédio excelente, aprovado,  
Que descobri nos priscos cartapácios  
De Filon, Serapião, dos Apolónios.

*Jac.* Não está mal o récipe, Mucónio!

*Jof.* Basta, basta de judiar comigo!

*Brás* Calas-te ou queres, Jofre, que te cure?  
Aprovo esse remédio; mas, Mucónio,  
Onde acharei o bálamo asinino?

*Muc.* A providente madre natureza  
Não cria sem antídoto o veneno.  
No mesmíssimo corpo dos enfermos,  
Bem atrás das orelhas deposita  
Este forte elixir em ténues vasos,  
Ou delgados folículos, que cheios  
Do suco burrical, sendo espremidos,  
Talha, embota as partículas do sangue,  
E o deixa circular sem embaraço.

*Brás* Mas diga-me, Doutor, como se espreme?

*Muc.* Puxar-lhe muito bem pelas orelhas.

*Pic.* É bom o tal remédio!

*Brás*                            Quer que o faça?

*Jac.* Pior, pior!

*Urr.*                            Coutado do meu Jofre!

*Muc.* Não, senhor, inda não. E depois disto  
É preciso cortar-lhe aquela trunfa,  
Para a fouce messória ficar livre,  
E a coronária região, sem peso,  
Desembaraçada, os líquidos rotantes  
Deixará permear pelos seus vasos.  
Banhos, emborçações e cataplasmas,  
Além de outros remédios, facilmente  
A força vencerão destas medonhas  
Tão enroscadas áspides da Líbia.  
E se com todos se pratica o mesmo,



A florente Lisboa vereis limpa  
De caraças ou frentes de Medusa,  
Praga ou nuvem de estultos gafanhotos,  
De tarecos rabões, melhor diria:  
De rabudos bachás, de enormes caudas.

*Brás* Estou, Doutor, atónito; e já vejo  
Quanto sabe, quem sabe a Medicina.

*Muc.* Agora ouçamos duas árias novas.

## CENA XVIII

*Lourença, Florestão e os ditos*

*Lou.* Senhor! Senhor!

*Flo.* Senhor!

*Brás* Temos mais peste?

*Flo.* Pior, senhor, pior!

*Brás* Dize, que é isso?

*Lou.* Pior, senhor, pior!

*Brás* É fogo em casa?

*Flo.* Pior, pior, senhor!

*Lou.* Minha senhora!

*Dul.* Morreu o papagaio? Dize, dize?

*Flo.* Pior, muito pior! Batem à porta.

*Brás* Vai ver quem é.

*Flo.* Pior!

*Brás* Vai ver, Lourença.

*Lou.* Pior, muito pior!

*Flo.* Pior que tudo.

*Brás* Fala... dize... quem é?

*Flo.* Pior! Alcaides,  
Escrivão e diabos quadrilheiros.

*Urr.* Ai! mofina de mim!

*Bra.* Tremo.

*Dul.* Desmaio.

*Bil.* Ronda talvez será.

*Brás* A ronda?... A ronda?...

*Flo.* É o poder do mundo com espadas,  
Com chuços, lanternas, até cuidado  
Que trazem o carrasco e mais a força.

*Bil.* Que será?

*Pic.* Que há-de ser?

*Bil.* Comigo nada.

*Pic.* Menos comigo.

*Brás* Se será comigo?...  
Abre-lhe, Florestão, abre-lhe a porta.

## CENA XIX

*Meirinho, escrivão, quadrilheiros e os ditos*

*Mei.* Eu, senhor Brás Carril, venho mandado.

*Esc.* Somos mandados, manda-nos quem pode.

*Brás* Pois são (e tanto fariseu) mui mal mandados.

*Mei.* A parte requereu, fomos mandados.

*Esc.* É parte rija.

*Mei.* Não se dobra a nada.

*Brás* Mas, que querem de mim, senhor meirinho?

*Mei.* Este mandado.

*Brás* Irra! Mais mandado!

Vem mandado o meirinho, e vem mandado  
O escrivão, os esbirros vêm mandados,  
E sobre isso ainda vem mais um mandado!

*Urr.* À casa dum fidalgo quadrilheiros?

*Mei.* Somos mandados.

*Esc.* Seja ou não fidalgo,  
Quem deve, paga. Porém eu, senhora,  
Ao senhor Brás Carril bem o conheço,  
E que fosse fidalgo não o sabia:  
Nomeá-lo por tal agora o ouço.

*Urr.* A gente baixa não conhece a nobre.

*Esc.* É nobre?... Pode ser.

*Urr.* Meia tigela!

*Esc.* Isso é louça quebradiça...

*Urr.* É prata fina.

*Mei.* Vamos, vamos, senhor!  
Este mandado, Senhor Carril...

*Brás* E que mandado é esse?

*Esc.* Novecentos mil réis, que o senhor deve  
A Martinho Raimon.

*Mei.* É estrangeiro.

*Brás* É um ladrão ladino: bem conheço.  
O capataz de quantos berlinguetes  
Nos vêm aqui vender gatos por lebres,  
Nabos em sacos, cascavéis, pandeiros,  
Gaitinhas, berimbaus, quinquilharias;  
Que prontos a fiar tentam a gente,  
E, depois de empolgar rapaces unhas,  
Fervem citações, fervem penhoras.

*Mei.* Isso não é do caso. Esta sentença...

*Brás* E como hei-de pagar essa quantia?  
Venham cá outro dia: hoje não posso.

*Esc.* Então, senhor Carril, dê-nos licença.

*Brás* Licença, para quê?

*Esc.* Para fazermos  
Penhora no que acharmos.

*Mei.* Ou ir preso.

*Urr.* Ir preso meu marido?

*Esc.* Não se assuste:  
Talvez, senhora, qu'haja nesta casa  
O valor da sentença e mais das custas;  
A nossa diligência, isso cá fica.

*Muc.* O cravo é meu, custou-me o meu dinheiro,

*Bil.* São meus os castiçais, senhor Carrança.

*Pic.* As xícaras são minhas (*para o escrivão*), e protesto,  
Senhor André Garrote, que são minhas.

*Mei.* Nós, senhores, fazemos a penhora,  
Depois requererão.

*Muc.* Essa está boa!

*Bil.* É forte chasco!

*Pic.* Adeus xícaras, bule.

*Gil* Como te vai, Amigo, co'a a partida?  
É divertida? Enfim, é uso, é moda...

*Brás* Té o lavar dos cestos é vindima.  
Meu querido Jacob, Picote amigo,  
Doutor Mucónio, caro amigo,  
Generoso Fustote, alma dum príncipe,  
Acudi-me, livrai-me, bons amigos.  
E que acção mais ilustre, mais honrada,  
Que acudir um amigo a outro amigo?  
A amizade fiel e verdadeira  
É dádiva do Céu, e do Céu digna,  
E dos humanos o maior tesouro.  
É fonte donde mana a honra, a fama,  
Que os míseros mortais transforma em deuses:  
Brilhando estão no céu Castor e Pólux;

E no sagrado templo da memória  
Nizo, Euríalo, Pilades, Orestes.  
Haverá coração, haverá peito

Tanto de áspero e rígido diamante  
Que não estale, ao menos se entorneça,  
Vendo do caro amigo miserável  
A consorte fiel desamparada,  
Os inocentes filhos sem abrigo  
E nas mesquinhas mãos da fome horrenda,  
Da triste desnudez e da vergonha,  
Expostos a desprezos e ludíbrios?  
Sois meus amigos? Que fazeis, amigos?

*Gil* És tu Túlio, meu Brás? Eu não sou néscio:  
Não me quero perder. Não tenho em casa  
Partidas, assembleias: bem me basta  
O que perdi contigo, e tu ganhaste  
Em gulodices, sécias, pataratas.  
Quem muito não tiver, que gaste pouco:  
Deixe-se de partidas, d'assembleias,  
Brilhar não queira à custa dos amigos.

*Dul.* Que inumano!

*Urr.*                   Que baixo, vil!

*Bra.*                                    Infame!

*Dul.* Jacob, caro Jacob! Da triste Dulce  
Os suspiros e lágrimas ardentes,  
A fé imaculada, amor sincero,  
Se alguma coisa podem merecer-te,  
Não me deixes Jacob; e se, por minhas,  
Estas sentidas vozes não te movem  
Mova-te o grande e triste desamparo  
De uma casta donzela bem nascida!

*Jac.* Dulce, minha senhora, minha glória,  
Não te assustes, não chores, não te aflijas.  
Quanto sou, quanto valho, quanto posso,  
Tudo ao teu descanso sacrífico.

*Bra.* Acaso esperas, dize, que te peça?

*Pic.* Não, Branca, não, senhora; espero...

*Bra.*                                    Esperas?

*Pic.* Que me deixem falar. Senhor Carrança,  
Vou buscar o dinheiro.

*Muc.*                                Espera, espera:  
Amigo Brás Carril, não sou de pedra,

Nem sou tigre, homem sou, os homens amo,  
De ter humano coração me prezo.  
Descansa, pagaremos o que deves:  
Darás Dulce a Jacob, Branca a Picote,  
Jofre case co' a minha Mafaldinha,  
E todos três o escote pagaremos.

*Brás* Que dizes, D. Urraca?

*Urr.* Paciência...  
Perdoem meus avós, mas a desgraça...

*Brás* Casem, casem. Mucónio, estás contente?

*Bil.* Minha Dulce, meu bem!

*Dul.* Caro Bilhostre!

*Pic.* Branca, minha esperança, que ventura!

*Bra.* Que ventura, Gaspar, meu doce emprego!

*Lou.* E nós, meu Florestão, não nos casamos?

*Flo.* E porque não, Lourença, sendo grátis?

*Muc.* Senhor André Garrote, em minha casa  
O espero daqui a meia hora:  
Para pagar mandado e diligência  
Tenho não só dinheiro mas bigodes.

*Brás* Que generoso exemplo de amizade,  
Que nobres corações de honrados peitos!  
Mas neste raro exemplo se não fie  
Quem se emprega no mar de desperdícios.  
Guarde-se da súbita procela  
D'alcaides e credores, que santelmos  
Nem em todos os topes aparecem;  
E Bilhostres, Mucónios e Picotes  
São difíceis de achar. Batei as palmas!

\*\*\*\*\*

Transcrição de José Barbosa Machado baseada na edição de 1778. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2003

<http://www.ipn.pt/literatura>

\*\*\*\*\*